

## UM DIVÃ NA CAATINGA: LUTO E MELANCOLIA EM CANGACEIROS, DE JOSÉ LINS DO REGO

Prof. Dr. Zama Caixeta Nascentes (UTFPR, campus Curitiba)

**Resumo:** Josefina e Bento, de *Cangaceiros*, são obrigados a silenciar sobre suas ligações com Aparício. Como entender isso considerando a importância que a Psicanálise dá à fala? Ester, Aparício, Domício e Josefina perderam entes queridos. Como compreender isso levando em conta que o luto e a melancolia são reações à perda do objeto amado e que na melancolia o objeto é também odiado, visão inaugurada por Freud em *Luto e melancolia*? A proposta do artigo é, baseando-se na Psicanálise, responder a essas questões.

**Palavras-chave:** José Lins. *Cangaceiros*. Psicanálise. Divã. Luto. Melancolia

### Introdução

A sociologia fundamenta a crítica da obra de José Lins. Citemos dois exemplos. Primeiro, Ellison: “Lins do Rego’s works illustrate one of the principal themes of Freyre” (ELLISON, 1954, p. 52). Segundo, Castello: “realizou [José Lins] uma obra (...) confirmando na ficção o conceito de regionalismo defendido por Gilberto Freyre.” (CASTELLO, 1961, p. 192). O romancista atesta sua dívida: “Posso dizer sem medo que a ele [Freyre] devo os meus romances” (REGO, 1942, p. 128).

A psicanálise sustenta a crítica de alguns romances. *Eurídice* seria “Júlio subjects himself to rigorous self-analysis (...) His account has the disturbing conviction of a sick man’s revelations on a psychoanalyst’s couch.” (ELLISON, 1954, p. 76). Em *Riacho Doce*, “a situação dramática (...) parece obedecer a certo esquema psicológico, partindo de uma tentativa de análise da infância da heroína, ou mesmo auto-análise, se falássemos em termos rigorosamente freudianos” (CASTELLO, 1961, p. 171). Em *Eurídice*, o autor dá-nos “uma sugestão inteiramente nova de suas possibilidades artísticas, consideradas nos termos do romance moderno de conteúdo auto-analítico, do romance de tendência freudiana” (idem). O romancista declara: “Bastam os livros de Freud, de Nietzsche (...) para o confirmar [o convívio entre arte e ciência].” (REGO, 1942, p. 133). Além dos livros de Freyre, José Lins conhecia os de Freud.

*Cangaceiros* é o último romance de José Lins, saído em 1953, provável motivo para que Ellison não o tenha incluído em seu trabalho, publicado em 1954. Castello enquadra-o no “ciclo do cangaço, misticismo e seca”, ciclo no qual as idéias de Freyre sobre regionalismo são “aceitas, reconsideradas e divulgadas” (CASTELLO, 1961, p. 141). A sociologia é a base da análise do romance. Ainda que o crítico reconheça aí um “aspecto psicológico” (p. 153) e a existência de personagens que “se deprimem” (idem), não aprofunda o exame daquele aspecto e nem adentra o mecanismo do deprimir. É o que nos propomos a fazer a seguir.

### **O divã: a fala na Psicanálise**

Freud põe a fala no centro da técnica psicanalítica: “o paciente só se livra do sintoma histérico ao reproduzir as impressões patogênicas que o causaram e ao verbalizá-las com uma expressão de afeto” (FREUD, 1976a, p. 276). Estamos em 1895, ano da edição de *Estudos sobre histeria*, em parceria com Breuer. Indo para 1939 e a uma das últimas obras, lemos: “Fazemo-lo [ao paciente] comprometer-se a obedecer à *regra fundamental* da análise (...) dizer-nos tudo o mais que lhe vem à cabeça, mesmo que lhe seja *desagradável* dizê-lo, mesmo que lhe pareça *sem importância* ou realmente *absurdo*.” (FREUD, 1976b, p. 201). A regra fundamental é dizer.

Lacan ratifica: “Quer se pretenda agente de cura, de formação ou de sondagem, a psicanálise dispõe de apenas um meio: a fala do paciente.” (LACAN, 1998, p. 255). Concebe que “uma análise só termina quando alguém pode dizer não *eu falo contigo*, nem *eu falo de mim*, mas *é de mim que te falo*.” (LACAN, 2012, p. 89-90). No centro, a fala, onde está desde Breuer e Freud, com o caso Ana O.: “foi a experiência inaugurada por essa histérica que os levou à descoberta do acontecimento patogênico (...). Se esse acontecimento foi reconhecido como a causa do sintoma, foi porque a colocação de um em palavras (...) determinou a eliminação do outro.” (1998, p. 255). Falar cura, como está no termo “talking cure”, cunhado por Ana O. e lembrado por Lacan.

Moreira aponta “a urgência da escuta da associação melancolia/Aids” (MOREIRA, 2002, p. 21). Escuta supõe fala. Tal escuta não fará “desaparecer a

doença” (idem); trará melhoras, conforme informa ao retomar o caso que serviu de base à obra: “atendê-lo [Marcos, o paciente] em psicoterapia, sob método psicanalítico, resultou em evidente melhora clínica, medicamente atestada.” (p. 128). Aos sintomas da tuberculose, contraída após a Aids, associaram-se os da melancolia, esses sim, minorados com a escuta psicanalítica. Falar curou.

### **Um divã na caatinga: a fala em *Cangaceiros***

A fala é central em *Cangaceiros*. Na primeira parte, Josefina não pode dizer que é “a mãe dos cangaceiros” (título da parte I) Aparício e Domício. Enquanto lava roupa, as outras mulheres esconjuram Aparício e ela “não sabia falar para as outras. Ouvia tudo e se punha no seu serviço (...) de alma pisada, muito mais batida do que as pedras dos lajedos.” (REGO, 1987, p. 918). Calar é pisar n’alma, castigar-se. O tema está no caso da menina curada pelo Santo: “Uma muda (...) que tinha perdido a fala com um susto, foi com os romeiros para a Pedra e quando a menina viu o Santo desatou a falar como uma carretilha.” (p. 926). O milagre consiste em devolver a fala. Mais uma prova de que o tema do dizer permeia a primeira parte.

Na segunda, Bento não pode dizer que é irmão de Aparício e Domício, “os cangaceiros” (título da parte II). Percebe-o Alice: “ – Coitada, ela [Josefina] tinha dentro um segredo, assim como tu tem.” (p. 1073). O próximo passo é descobrir o conteúdo do sigilo. O tema está em dois outros casos. Primeiro, o do negro Vicente, pois o cangaceiro “queria desabafar, contando as suas histórias.” (p. 1048). Ao perder a escuta de Bento, alucina: “O negro Vicente estava sozinho na casa coberta de noite. (...) Mas as recordações da sua vida enchiam aquela casa dos mortos que matara” (p. 1058). A noite “esmagava-o de encontro às imagens que vinham chegando.” (1060). Freud, ao discorrer sobre a imagem vinda à mente do paciente, afirma que “podemos ouvi-lo dizer que ela vai se tornando fragmentada e obscura à medida que ele continua a descrevê-la. *O paciente está, por assim dizer, livrando-se dela ao transformá-la em palavras.*” (FREUD, 1976a, p. 273). Imagens ocorrem a Vicente; a ausência de Bento impede-o de livrar-se delas pela palavra. Não é de se espantar sua reação à chegada do outro: “Criou

alma nova, e, sôfrego, procurou notícias: – Menino, estava com susto.” (REGO, 1987, p. 1063). Na noite seguinte: “começou outra vez com a sua agonia (...) pela sua cabeça iam passando as recordações terríveis. Não podia estar só.” (idem). Em companhia de Bento, cessa a agonia: “Agora era ele outra vez o negro Vicente.” (p. 1071). Sem o outro (Bento) que o escute, Vicente torna-se outro (alucinado). Segundo, o do Capitão Custódio, pois ele fala sempre da perda do filho Luís Felipe e da esposa Doninha e da vingança contra o assassino do filho. Por perpassar as duas partes do romance, analisar esse caso ampliaria este artigo para além dos limites a ele reservados.

### **Luto em *Cangaceiros***

Luto é “a reação à perda de um ente querido, à perda de alguma abstração que ocupou o lugar de um ente querido, como o país, a liberdade ou o ideal de alguém.” (FREUD, 1976c, p. 275). A melancolia caracteriza-se por “um desânimo profundamente penoso, a cessação de interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade, e uma diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação” (p. 276). O mesmo vale para o luto, exceto o último: “A perturbação da auto-estima está ausente no luto” (idem). Logo, a melancolia também é reação à perda e definir o luto apenas como “reação à perda de um ente querido” não o distingue da afecção anterior.

O trabalho do luto consiste nisto: perdido o objeto, a libido que o ligava ao ego retorna ao ego. Nesse tempo (Freud não o precisa) em que o ego ocupa-se em desligar libido e objeto, há “a cessação do interesse pelo mundo externo, a perda da capacidade de amar, a inibição de toda e qualquer atividade”. O luto conclui-se quando se dá o desligamento e, reconhecida a perda, “o ego fica outra vez livre e desinibido.” (p. 277). O luto não é “uma condição patológica” (p. 276). Ao assumir o “cunho patológico” (p. 283), expressando-se “sob a forma de auto-recriminação” (idem), torna-se melancolia, já que a auto-recriminação tipifica-a. Logo, a melancolia não é constitutiva da condição humana. Se se quer buscar em *Luto e melancolia* algo dessa ordem, isso seria a perda, “de ente querido ou da abstração que ocupou o lugar de um ente querido” (p. 275).

Quando se tem em vista o referido texto, há que se dar a melancolia como patológica.<sup>1</sup> O ausente no luto (auto-recrminação) é o presente na melancolia; a melancolia é o positivo do luto, para calcarmo-nos na máxima freudiana, “a neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão” (FREUD, 1976h, p. 155).

Luto está no centro de *Cangaceiros*. Ester não faz luto de Aparício. Num baile em que foi com o pai, o cangaceiro apareceu, matou gente e “largou os cabras na festa” (REGO, 1987, p. 918). Ester “se apaixonou pelo acontecido e ficou lesa! (...) entrou na cabeça dela que vai parir de cangaceiro.” (idem). Pai, marido e filho, objetos do Édipo da menina: “Seu complexo de Édipo culmina em um desejo (...) de receber do pai um bebê como presente” (FREUD, 1976g, p. 223). O Édipo “é então gradativamente abandonado de vez que esse desejo jamais se realiza.” (idem). O marido substitui o pai e realiza-o. Em casa, Ester vivia com o pai; no baile, encontra o substituto dele (Aparício); na leseira, substitui-o pelo filho alucinado. A alucinação é a recusa da perda. Não houve luto. Sua fala “vou parir de Aparício” (REGO, 1987, p. 918) é “um apego ao objeto por intermédio de uma psicose alucinatória carregada de desejo.” (FREUD, 1976b, p. 277). O apego continua. Ao topar com Domício, diz: “– Aparício, vem cá.” (REGO, 1987, 1009). Engravidar-se e dá à luz: “– (...) Diz ela que é de Aparício.” (p. 1013). O filho de Domício é, para ela, parido de Aparício. Permanece a negação da perda. O filho é real mas o pai é delirado.

Aparício faz luto da mãe. Depois da dor da perda, finaliza-se o luto com a ligação do ego a um novo objeto: “Tinha agora com ele uma mulher no grupo, uma tal de Josefina, mulher dos diabos.” (p. 1116). Trata-se do mesmo nome da mãe. Em Josefina ele reencontrou Josefina. O ego ligou-se a outro objeto. Sem Josefina-mulher, Aparício “não podia mais viver” (idem), assim como via combalir sua força e seu desejo de viver quando lhe faltou Josefina-mãe.

Capitão Custódio não faz luto por não poder vingar e “Por essas bandas um homem que não vinga uma morte é um homem morto.” (p. 946). É nisso que se torna,

---

<sup>1</sup> Esse ponto foi alvo de in(tensas) discussões no “Simpósio Temático 12: Psicanálise e Literatura: rastos e restos da dor”, dentro do qual apresentamos este trabalho.

“Esta história da morte do filho vai matando o velho devagarinho.” (p. 969). Desenvolver a análise desse caso exigiria transpor a hipótese de “morte despercebida” (FEDIDA, 2009, p. 87) para “morte não vingada” a fim de defendermos que Custódio abate-se por não poder abater o assassino – o que ultrapassa a extensão deste trabalho.

### **Melancolia em *Cangaceiros***

A melancolia distingue-se do luto pela auto-recriminação do ego. No cerne de *Luto e melancolia* está a exposição do mecanismo inconsciente que a engendra.

Identificação do ego ao objeto perdido integra o mecanismo. O objeto é posto dentro do ego e a libido que antes os ligava, ao invés de desligar-se e religar-se a outro objeto “serviu para estabelecer uma *identificação* do ego com o objeto abandonado.” (FREUD, 1976c, p. 281). Freud expressa esse processo na clássica metáfora: “a sombra do objeto caiu sobre o ego” (idem). O ego modifica-se com a “introeção do objeto” (1976d, p. 138), surgindo nele duas partes, “uma parte do ego se coloca contra a outra, julga-a criticamente, e, por assim dizer, toma-a como seu objeto” (1976c, p. 280).

Regressão da libido à fase narcísica participa do mecanismo. Freud teoriza: “Os componente instintivos separados da sexualidade atuam independentemente uns dos outros, a fim de obter prazer e encontrar satisfação no próprio corpo do sujeito. Essa fase é conhecida como a do auto-erotismo” (FREUD, 1976e, p. 111). A auto-erótica é “sucedida por outra, na qual um objeto é escolhido” (idem). Prossegue propondo uma “intermediária” (a narcísica), na qual “os instintos sexuais até então isolados já se reuniram num todo único e encontraram também um objeto (...) não é um objeto externo, estranho ao sujeito, mas se trata de seu próprio ego.” (idem). Posteriormente, sintetizará: “um ser humano tem originalmente dois objetos sexuais – ele próprio e a mulher que cuida dele” (1976f, p. 104). Classifica a escolha objetal como sendo do tipo narcísico ou anaclítico, caso o objeto seja o ego ou o objeto externo, respectivamente. Seria a melancolia uma afecção “derivada da predominância da escolha objetal do tipo narcísico”? (1976c, p. 282). Os dados clínicos não permitem concluir, “infelizmente ainda não foi confirmada pela observação” (idem). Permanece como hipótese: “A

melancolia, portanto, toma emprestado do luto alguns dos seus traços e, do processo de regressão, desde a escolha objetal narcisista para o narcisismo, os outros.” (p. 283). Ela se liga à identificação. Na terceira fase, o objeto externo fora escolhido narcisicamente; isso seria a “escolha objetal narcísica”, o que não se confunde com narcisismo (segunda fase). Na melancolia, o objeto é introjetado e torna-se outra parte do ego. Na identificação, o ego quer “*ser* o objeto” (1976d, p. 134), o que fica mais inteligível pela hipótese de que o objeto perdido e agora instalado no ego foi escolhido com base no ego. A libido regrediu da terceira fase (em que o objeto é externo e, por ser o ego o modelo, trata-se de uma “escolha narcísica”) para a segunda (em que o objeto é o próprio ego, por isso “fase narcísica”). Nisso consiste a regressão à fase narcísica.

Ambivalência emocional completa o mecanismo. O objeto pode ser amado e odiado ao mesmo tempo, eis aí a ambivalência. Elucida-se assim a dinâmica inconsciente da melancolia: o objeto foi amado e odiado (ambivalência); era externo ao ego, foi escolhido narcisicamente e agora é interno ao ego (regressão da libido à fase narcisista); estando dentro do ego, modifica-o (identificação). O ódio destinado ao objeto e que estava recalcado (por isso era amado) volta-se ao próprio ego. A ambivalência lança luz sobre o traço típico da melancolia: “as auto-recriminações são recriminações feitas a um objeto amado, que foram deslocadas desse objeto para o ego do próprio paciente.” (1976c, p. 280).

A melancolia em *Cangaceiros* aparece em Josefina. Ambivalência marca sua relação com os filhos. O amor a Aparício está na abertura do romance. Ele pede-lhe: “ – Mãe, eu só quero a tua bênção. E levantou-se.” (p. 903). Ela nega-lha mas diz-lhe: “ – Aparício, meu filho, ali está a força que pode mais que o teu rifle, uma coisa que fere mais no fundo que o teu punhal. Vai para ele, Aparício.” (p. 904). Trata-o por filho e ampara-o ao mostrar em quem “está a força” que o protegerá, o que mostra amor. O ódio surge aos poucos. Viajando, Josefina comenta: “ – Aparício anda por aí como se fosse mandado pelo demônio.” (p. 914). O comentário expressa ódio: “Bentinho (...) começou a intrigar-se com aquele ódio de Sinhá pelo filho mais velho.” (p. 916). Ouvindo a lavadeira esconjurar a mãe de Aparício, Josefina “muita força fez para não se

abrir (...) Bem que poderia (...) dizer-lhe: ‘Dentro de minhas entranhas gerou-se um filho do demônio (...).’” (p. 941). No seu pensar, Aparício já é “um filho do demônio”. É o suficiente para mostrar o ódio ao filho, pois demônios são “a projeção da hostilidade inconsciente” (FREUD, 1976e, p. 85). Domício é amado mais que Aparício. Josefina é afetuosa com um e hostil com outro: “Se Deus me desse força eu ia correndo para junto de meu filho (...) Domício não tem aquela ira de Aparício aquela doença comendo a alma dele (...) Aparício só sossegou quando carregou com ele o meu filho.” (REGO, 1987, p. 924). O afeto por Domício vem no desejo de estar ao lado dele. A hostilidade por Aparício está no atribuir-lhe uma “ira” e a culpa pela ida do irmão para o cangaço, “carregou com ele o *meu filho*”. O uso do possessivo *meu* é exclusivo para Domício. Bastou-lhe partir para acionar a ira da mãe: “ – Tu já tens os olhos do outro, tu já és um filho do demônio. (...) Eu te amaldição, irmão de Aparício, filho de Bentão, neto de Aparício velho.” (p. 945). Tornou-se a irada mãe. Por não ser mais exclusivo dela, some o possessivo “*meu filho*” e ele passa a ser “filho *do demônio*”, “irmão *de Aparício*”, “filho *de Bentão*”, “neto *de Aparício velho*”. Na inversão de ascendência está a reversão do amor ao ódio, testemunho da ambivalência para com Domício

Josefina introjeta Domício. O fato é construído pela referência à rolinha-cascavel e ao quarto. Quanto à ave, a primeira menção ocorre no dia em que Josefina conheceu que Domício retornaria: “Cantava ainda numa mágoa de mãe triste a rola-cascavel que fizera o seu ninho na biqueira do copião.” (p. 935). São humanos os predicados ornitológicos: “Voz para cortar coração, voz de quem sofria como a velha Josefina.” (idem). O ninho (que acolherá filhotes) metaforiza o ego de Josefina (onde se aninhará o filho que perderá). A segunda, depois da partida de Domício: “Lá estava, (...) no galho do juazeiro, a rola-cascavel, com os seus cantares de viúva, triste lamento de saudade.” (p. 947). Como antes, são humanos os predicados: “E não durou o lamento de todos os dias” (idem). O canto da ave é “lamento de saudade”; Josefina repete o “lamento”. Quanto ao quarto, este fora o lugar de Domício, “a mãe e o irmão o conduziam para a rede do quarto” (p. 924). Aí, Josefina quer retê-lo: “Não queria que ele saísse para o sol, fazia tudo para que ele se recolhesse” (p. 927). Para aí vai após recusar-lhe a bênção: “ – Mãe, dê a bênção aos vossos filhos. Sinhá Josefina não lhe disse nada. Recolheu-se para

seu quarto”. (p. 936). Depois que Domício foi, o espaço de Josefina é o quarto: “Lá dentro estava a mãe” (p. 948); “A velha ergueu-se (...) E foi refugiar-se no quarto” (p. 959). Refugiar-se no quarto é voltar-se para o mundo interior, onde se encontra o objeto perdido, e voltar as costas ao exterior, esvaziado do objeto amado.

Josefina adoce. A doença é a melancolia:

Chegou [Bento] em casa e a velha custou a aparecer. (...) De repente, ela começou a falar, a falar com uma rapidez espantosa. (...) E não parecia falar para ele. Tinha um auditório invisível para escutar o que ela falava:

– Todo mundo está pensando que eu pari Aparício. (...) Ele se fez aqui nesta minha madre com a força do cão. Eu botei para fora um filho do diabo. (...) Eu tenho que dizer a todo mundo. (...) tu e Domício se pegaram ao diabo.

A velha perdera o juízo. Uma dor profunda reduziu-a a um trapo. (p. 958).

Os “traços mentais distintos da melancolia” (FREUD, 1976c, p. 276) aí estão: o desânimo profundamente penoso, na “dor profunda”; a cessação de interesse pelo mundo, na demora em ir até Bento (“custou a aparecer”); a perda da capacidade de amar, na acusação de que Bento se pegou ao diabo; a inibição de toda e qualquer atividade, no reduzida “a um trapo”; a diminuição dos sentimentos de auto-estima a ponto de encontrar expressão em auto-recriminação e auto-envilecimento, no atribuir a si uma participação com o diabo (da qual surgira Aparício).

O mecanismo inconsciente da melancolia evidencia-se neste delírio:

Fechou os olhos e ela apareceu na porta da sala (...) e foi gritando para ele:

– (...) Não quero te ver mais, não quero que tu fiques nesta casa. (...)

Aí a mãe correu para dentro de casa (...) Outra vez a velha começou a gritar:

– Me mata demônio (...) Vem pisar nesta madre que te pariu.

E ouviu outra vez a voz áspera:

– (...) Tu não me arranca a madre infeliz que te pariu. Tu não é filho de Bentão, tu é filho de Aparício. Ah, meu Deus, eles querem me matar. (...)

Saiu um pouco (...) mal botou os pés para fora ouviu outra vez a mãe aos gritos:

– (...) não me deixe sozinha com ele (...) Ele está aqui no quarto; corre, Bentinho. (...)

Pulou para junto da mãe e ela nem parecia mais aquela fúria de olhos terríveis:

– Meu filho, ele está ali escondido. Ele vem me pisar na madre, ele quer me encher outra vez de um filho com o mal dentro. (...)

O filho acolheu-a num abraço (...). Mas outra vez ela o repeliu, com violência, gritando:

– Vai, vai com ele, tu também quer me matar. Sai, sai demônio, sai deste quarto, Aparício. E com as mãos em garras partiu para o filho que correu para o terreiro. (...)

A velha apareceu na porta, chegou no copiá, e ainda com mais força gritou:

– Sai desta casa, Aparício, vai matar os inocentes, vai comer as donzelas.

Num ninho da biqueira piavam, no aconhego da mãe que lhes dava de comer, os filhotes

da rolinha-cascavel. E como Bentinho ainda permanecesse por debaixo do juazeiro, a velha desceu os batentes da casa e com pedras na mão saiu a enxotá-lo:

– Sai daqui, Aparício, dana-te, filho do diabo, filho de madre podre. (p. 972-974).

A ambivalência já foi mostrada: amor por Aparício, no indicar-lhe o Santo como a força para protegê-lo; por Domício, no tratamento e no pronome (“*meu* filho”); ódio por ambos, na demonização e no imputar a eles um puro sangue Vieira

A introjeção está no *madre*, termo com o sentido de mãe e útero. A linguagem do gestar (madre, lugar onde um dia Aparício esteve no interior de Josefina) traduz o introjetar (ego, instância psíquica de Josefina à qual Aparício retornou depois de perdido); a do nascimento (ato biológico pelo qual ele sai da madre da madre) denota o delírio (fenômeno psicológico pelo qual ele deixa a mente de Josefina). Exterior e interior mudam de posição: Aparício, de objeto externo que foi, torna-se interno e, no delírio, exterioriza-se, fazendo desaparecer Bento, que de fato está no mundo externo.

A introjeção de Aparício, como a de Domício, traduz-se na referência ao espaço e à ave. Quanto ao espaço, o delírio inicia na “porta da sala” e vai para “dentro de casa”. A introjeção é visível, uma vez que Bento “pulou para junto da mãe”. Por ter sido assimilado a Aparício, o seu chegar-se à mãe é o entrar do objeto no ego. A sombra de Aparício caiu sobre Josefina; o delírio projeta a sombra sobre Bento (externo, no início do delírio); Bento “pulou para junto da mãe” e, de novo a sombra do objeto Aparício (Bento) está dentro do ego (quarto). Quanto à ave, quem fica “no aconchego da mãe” são “os filhotes da rolinha-cascavel”, não Bento. Ainda que ele seja filhote de mãe que considerava sua descendência “raça de cobra” (e *cascavel* é uma delas), ainda que a mãe tenha lhe apontado “mãos em garras” (como as tem a *rolinha*), não foi a casa da madre o seu ninho. Foi ejetado, como Aparício fora projetado do ego de Josefina delirante depois de ter sido introjetado.

Auto-recriminações abundam. No primeiro delírio, indicamos vários dos “traços mentais distintos da melancolia” (1976c, p. 276). Faltou o último, “culminando numa expectativa delirante de punição” (idem). Aparece no segundo delírio. A madre está, de novo, no centro. Castiga-se uma madre. O castigo é o *pisar*. De início, é evocado, “Vem

pisar nesta mãe que te pariu”. Finaliza com “filho de mãe podre”. Nem Marcos, paciente com Aids e melancolia e que lutava “contra o exército viral que o atacava de todos os lados, de dentro e de fora, e contra o batalhão de fantasmas persecutórios que ocupavam grande parte de sua alma” (MOREIRA, 2002, p. 31) considerou-se podre. Como o de Marcos, o luto de Josefina tornou-se patológico. Virou melancolia.

A punição não fica só na “expectativa delirante”. Realiza-se: “O corpo de Sinhá Josefina pendia de uma corda, com a língua de fora.” (REGO, 1987, p. 979). O falar é central no suicídio. A boca aberta mostra quão categórico é o imperativo (“Eu tenho que dizer”, p. 958), proclamado no primeiro delírio. Escancara o que, antes do delírio e do suicídio, a narrativa lançara aos ouvidos do leitor: “E passou a soluçar alto e terrível como se todas as dores de suas entranhas quisessem escapar pela sua boca e não pudessem.” (p. 953). Porque Josefina estava proibida de dizer, não podia escapar. Porque soluçar não é falar, houve o delirar, no qual se ouve o que era obrigada a calar. Porque no delírio o filho, demonizado, vinha para matá-la, matou-se. A boca aberta e a língua para fora deixam clara a via pela qual a dor do luto sai das entranhas: a fala. Essa via estava. O luto tornou-se patológico. Virou melancolia. O “ódio da mãe pela geração que lhe saía das entranhas” (p. 1153) tornou-se ódio às entranhas (“mãe podre”); não desentranhado pela fala, o foi pelo ato: boca aberta, língua para fora.

### Considerações finais

“A volta de Domício alterou a vida na casa de Sinhá Josefina. A mãe abandonada caiu num paradeiro de doença.” (p. 945). O “abandonada” concerne ao luto de Josefina (perda dos filhos para o cangaço) e o “doença” à melancolia (luto patológico) vista na auto-recriminação e na auto-punição pelo suicídio. O luto e a melancolia estão no romance; nele, há personagens que “se deprimem”, na expressão de Castello. Em função disso, nossa fórmula, “luto e melancolia em *Cangaceiros*.”

“A gente carece de falar, menino.” (p. 975), disse Jerônimo a Bento referindo-se a Josefina. Dizer é central: “ninguém podia viver com um segredo roendo-lhe a alma.” (p. 1064). Falar é a regra fundamental, na análise, no romance, na análise do romance.

Castello viu em *Eurídice* um quê de romance com “tendência freudiana”. Em *Cangaceiros* há o mesmo. Josefina ensandeceu para dizer o que sã a consciência proíbia falar; Vicente falou, avivou a memória das mortes esquecidas, teve alucinações ao perder a escuta de Bento, dissipou-as quando a reouve. Ellison tomou a narrativa de Júlio de *Eurídice* como “revelations on a psychoanlyst’s couch”. Em *Cangaceiros* há um divã. O caráter patogênico do calar e o efeito terapêutico do falar estão no centro. Por esse motivo, a outra parte da fórmula, “um divã na caatinga”.

A dívida da obra de José Lins, admitida por ele, para com Gilberto Freyre não serve para justificar a primazia de uma crítica dos romances de um a partir da ciência sociológica do outro. A sociologia não exclui a psicologia. E isso está em Gilberto Freyre mesmo e dito pelo próprio José Lins (REGO, 1942, p. 293): “O psicólogo que há nele [Freyre] conduz o sociólogo ao mais íntimo das coisas.”. Que em José Lins há um psicólogo, Ellison e Castello reconhecem-no, levando em conta *Eurídice*. Nossa leitura demonstrou que ele está também em *Cangaceiros*.

### Referências

- CASTELLO, José Aderaldo. *José Lins do Rego*. São Paulo: EdART, 1961.
- ELLISON, Fred. *Brazil’s New Novel*. Berkeley: University California Press, 1954.
- FEDIDA, Pierre. *Dos benefícios da depressão*. Rio: Escuta, 2009.
- FREUD. *Estudos sobre histeria*. Rio: Imago, 1976a. ESB, vol. II.
- \_\_\_\_\_. *Esboço de Psicanálise*. Rio: Imago, 1976b. ESB, vol. XXIII.
- \_\_\_\_\_. *Luto e melancolia*. Rio: Imago, 1976c. ESB, vol. XIV.
- \_\_\_\_\_. *Psicologia das massas e análise do ego*. Rio: Imago, 1976d. ESB, vol. XVIII.
- \_\_\_\_\_. *Totem e tabu*. Rio: Imago, 1976e. ESB, vol. XIII.
- \_\_\_\_\_. *Introdução ao narcisismo*. Rio: Imago, 1976f. ESB, vol. XIV.
- \_\_\_\_\_. *A dissolução do complexo de Édipo*. Rio: Imago, 1976g.
- \_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a sexualidade*. Rio: Imago, 1976h.
- \_\_\_\_\_. *Escritos sobre psicologia do inconsciente*, vol. II. Rio: Imago, 2006.
- LACAN. *Função e campo da fala e da linguagem na psicanálise*. In: *Escritos*. Rio: Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. *O seminário*, livro 19: ... ou pior. Rio: Zahar, 2012.
- MOREIRA, Ana Cleide G. *Clínica da melancolia*. São Paulo: Escuta/EdUFPA, 2002.
- REGO, José Lins do. *Gordos e magros*. Rio: Casa do Estudante do Brasil, 1942.
- \_\_\_\_\_. *Cangaceiros*. In: *Ficção completa*, vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1987.